



Este obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

REFERÊNCIA

SOUSA, Germana Henriques Pereira de; RABELO, Lorena Melo. O palácio das ilusões da tradução austeniana: “Orgulho e preconceito” no sistema literário. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 45-71, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/belasinfeis/article/view/8480/6450>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

O PALÁCIO DAS ILUSÕES DA TRADUÇÃO AUSTENIANA: “ORGULHO E PRECONCEITO” NO SISTEMA LITERÁRIO¹



Germana H. Pereira²
(Doutora – UnB-Brasília/DF/Brasil)
germanahp@gmail.com

Lorena Melo Rabelo³
(Graduanda – UnB-Brasília/DF/Brasil)
lorenarabelo06@hotmail.com

Resumo: Nas décadas de 1930 e 1940, o mercado editorial brasileiro passou por sérias crises e mudanças, as quais acabaram contribuindo para o crescimento da tradução no país, transformando essas décadas na Era de Ouro da tradução. Esta pesquisa, vinculada ao projeto “Tradução e sistema literário – história da tradução no Brasil: a tradução dos clássicos e os escritores/tradutores”, objetiva investigar esse período e sua importância para a história da tradução no Brasil, juntamente com o lugar ocupado pela Editora José Olympio nesse contexto com relação aos clássicos literários estrangeiros traduzidos por autores brasileiros. Em um segundo momento, analisaremos as traduções de duas das obras de Jane Austen publicadas pela José Olympio na Coleção Fogos Cruzados, *Orgulho e preconceito*, traduzida por Lúcio Cardoso, em 1941, e *Mansfield Park*, traduzida por Rachel de Queiroz, em 1942. Será feito um estudo comparativo das obras com suas traduções mais recentes, a de *Orgulho e preconceito* por Alexandre Barbosa de Souza (Penguin Companhia, 2011), e a de *Mansfield Park* de Mariana Menezes Neumann (BestBolso, 2011). Com isso, pretendemos analisar a apresentação da obra traduzida em relação à sua economia estética e aos paratextos editoriais.

Palavras-chave: tradução nas décadas de 1930 e 1940, Jane Austen, *Mansfield Park* e Rachel de Queiroz, *Orgulho e preconceito* e Lúcio Cardoso.

Abstract: During the 1930's and 1940's, the Brazilian publishing industry experienced many crisis and changes that, surprisingly as it may be, contributed to the development of the translation practice in Brazil, making of these decades the Golden Age of translation. This research project is part of a major project, “Translation and literary system – the history of translation in Brazil: translation of canons and the writers/translators”, and aimed to investigate this period of time and its importance to the Brazilian translation history. It also studied the role of the Editora José Olympio in this context, regarding the translations of literary classics by Brazilian writers. After that, we analyzed the translations of two of Jane Austen's titles that have been published by the Editora José Olympio in the Fogos Cruzados Collection, *Pride and Prejudice*, translated by Lúcio Cardoso, 1941, and *Mansfield Park*, translated by Rachel de Queiroz, 1942. We conducted a comparative study between these titles and their most recent translations: *Pride and Prejudice*, translated by Alexandre Barbosa de Souza (Penguin Companhia, 2011), and *Mansfield Park*, translated by Mariana Menezes Neumann (BestBolso, 2011). By doing this, we aimed to analyze the way these texts were presented to public, regarding its aesthetics and paratexts.

Keywords: Translation in the 1930's and 1940's, Jane Austen, *Mansfield Park* and Rachel de Queiroz, *Pride and Prejudice* and Lúcio Cardoso.

1. INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO PLANO DE TRABALHO

Jane Austen é, de forma indiscutível, um nome reconhecido mundialmente. Uma busca rápida numa fonte de pesquisa *on-line* suscita mais de quarenta e dois milhões de resultados; e não importa quanto tempo passe, algumas de suas obras sempre possuem lugar de destaque nas livrarias por meio uma retradução. Seu primeiro livro publicado, *Sense and Sensibility* (em português, *Razão e sensibilidade*), completou 200 anos em 2011, e suas outras obras seguem os mesmos passos ainda nessa década. A tradução das obras austenianas para o português se deu nos anos 1940 pela Livraria José Olympio Editora. A editora surgiu em 1931, em São Paulo, e foi transferida para o Rio de Janeiro, para fins econômicos, em 1934. Grande editor de autores nacionais, José Olympio começou a investir realmente em traduções no fim da década de 1930, assim como a Editora Globo, de Porto Alegre, empregando renomados autores brasileiros como tradutores. Algumas dessas traduções, por parte da José Olympio, foram publicadas na Coleção Fogos Cruzados, que contava com nomes como Tolstói, Defoe e Dostoiévski, sendo inaugurada em 1941 pela tradução de Lúcio Cardoso de *Orgulho e preconceito*.

46

Este artigo objetiva, portanto, investigar esse momento editorial dos anos 1930 e 1940, período em que se deu a publicação das obras em análise, e estudar as traduções de Rachel de Queiroz e de Lúcio Cardoso, comparando-as com as mais recentes traduções de *Mansfield Park*, feita por Mariana Menezes Neumann, e de *Orgulho e preconceito*, realizada por Alexandre Barbosa de Souza. Tal estudo comparativo não pretende eleger “melhores” ou “piores” traduções, e sim, avaliar sua importância para o sistema literário brasileiro dentro do contexto histórico de cada publicação. Para tal, seguiremos os modelos de Marie-Hélène Catherine Torres (2011) quanto aos paratextos editoriais e as teorias de Itamar Even-Zohar (1990) sobre o polissistema literário e de John Milton (2010) sobre a análise das traduções. Tal estudo é importante para que se perceba o lugar da literatura traduzida, não apenas como parte do sistema literário brasileiro, mas também como componente essencial para seu desenvolvimento, e também para que se entenda a importância das primeiras traduções de autores canônicos por escritores/tradutores brasileiros na legitimação da atividade tradutória no Brasil.

1.2 O MERCADO EDITORIAL E A TRADUÇÃO NOS ANOS 1930/1940

Antes de 1930, o Rio de Janeiro, então capital brasileira, não tinha um papel significativo no mercado editorial brasileiro. Segundo Lawrence Hallewell, em *O livro no Brasil: sua história*, em 1920 “havia no Rio apenas cerca de dez livrarias de alguma importância [...], quando São Paulo já possuía o dobro desse número em verdadeiras editoras” (HALLEWELL, 1985, p. 333), e no decorrer da década somente editoras modestas se instalaram lá. A Revolução de 30 é, então, um marco revolucionário para a história do comércio livreiro.

Entre todas as mudanças operadas por Getúlio Vargas durante a instalação de sua política, as mais relevantes para esse projeto são as concernentes à educação. Vargas via na educação uma ferramenta de transmissão da sua ideologia, bem como a melhor maneira de capacitar a população para o trabalho industrial. Criou-se o Ministério da Educação e uma política nacional para a educação, e o Estado passou a ser o maior patrocinador do mercado livreiro no país, fundando, inclusive, o Instituto Nacional do Livro (INL), em 1937.

O fracasso do Governo Getúlio Vargas em solucionar muitos dos problemas nacionais, porém, gerou o crescente descontentamento da população, e uma vez que esta tinha mais acesso a textos de teor político, publicados por incentivo do Governo, a situação despertava nos brasileiros uma “consciência nacional” e o interesse pelos problemas do país (HALLEWELL, 1985, p. 336-337). O Governo se empenhou, então, na repressão e censura de qualquer tipo de crítica política, criando, em 1939, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), responsável por “controlar a produção cultural no Brasil”, de acordo com John Milton (2002, p. 28), e promover o Estado Novo. Muitos escritores foram censurados e alguns chegaram a ser presos, entre eles, Graciliano Ramos, Cecília Meireles e Rachel de Queiroz (MILTON, 2002, p. 29). Os critérios de censura não eram muito bem definidos, e diversas vezes, por motivos arbitrários, os detentores do poder decidiam queimar exemplares de livros ou prender seus autores, e por conta disso, as editoras submetiam-se a uma autocensura para evitar problemas dessa natureza.

Por outro lado, a censura pode ter beneficiado o comércio de livros. Hallewell afirma:

Os perigos do comentário político levaram os jornais a dedicar espaço a assuntos menos arriscados, tais como resenhas de livros e crítica literária, ao mesmo tempo em que as restrições nos meios normais de expressão ao descontentamento político levaram tanto escritores quanto leitores a buscar na nova ficção a crítica social (HALLEWELL, 1985, p. 369).

Isso ocorria porque livros expressamente políticos, principalmente os de caráter integralista, estavam sujeitos à apreensão.

Com o incentivo do Estado, a importação de livros de ficção estrangeira acontecia em ritmo frenético, mas tal atividade tornou-se difícil devido aos efeitos da crise mundial de 1929. Por causa da redução das importações e da entrada de capitais estrangeiros, o Governo precisou tomar medidas que desvalorizaram a moeda e subiram os preços das importações. Mais tarde, com o início da Segunda Guerra Mundial, houve a dificuldade de transporte marítimo, impedindo importações (HALLEWELL 1985, p. 374). A saída para as editoras que conseguiram se manter abertas foi traduzir tais obras, e como não havia tradutores profissionais para cumprir essa função, a incumbência foi deixada aos escritores que haviam aderido à prática tradutória, já que assinar obras traduzidas era mais seguro que assinar as de sua autoria, e ainda aumentava a renda. Segundo José Olympio, a contratação de autores para traduzir os textos assegurava a qualidade das traduções, pois estes tinham uma reputação a zelar (HALLEWELL, 1985, p. 374).

48

Por essa razão, os anos 1930 foram os anos de ouro das traduções, e as editoras Globo e José Olympio tiveram importante participação nesse processo, pois proporcionaram a publicação do cânone universal vertido para o português do Brasil por autores brasileiros de excelência. À tradução dessa literatura considerada “menor”, popular, as editoras misturavam traduções de clássicos universais, e tais publicações tinham por objetivo expandir o universo cultural e literário brasileiro através da disseminação do estrangeiro, formando um círculo de leitores mais intelectuais que se sentissem “parte de um conjunto cultural mais amplo” (MILTON, 2002).

Foi nesse contexto que a José Olympio Editora publicou, a partir de 1941, a Coleção Fogos Cruzados, dirigida por Rachel de Queiroz e José Lins do Rego, que apresentava títulos da literatura universal com traduções de autores renomados. A coleção trazia três romances de Jane Austen em suas primeiras traduções para o português: *Orgulho e preconceito*, traduzido por Lúcio Cardoso, foi a primeira obra da coleção, e apesar de documentos apontarem a publicação da coleção a partir de 1940, o primeiro volume só saiu em 1941; *Mansfield Park*, em 1942, foi a nona obra; e, em 1944, *Razão e sentimento*, que mais tarde viria a ser *Razão e sensibilidade*,⁴ foi a 42ª obra da coleção referida, na tradução de Dinah Silveira de Queiroz.

Esse foi um momento importantíssimo para a história da tradução, porque, além das circunstâncias terem exigido o maior número de traduções para o português do Brasil até então, também colocou a tradução pela primeira vez no centro do sistema literário brasileiro.

PEREIRA, RABELO. O palácio das ilusões da tradução austeniana: “Orgulho e preconceito” no sistema literário *Belas Infieis*, v. 1, n. 2, p. 45-71, 2012.

Itamar Even-Zohar (1990, p. 47), em *The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem*,⁵ diz que a tradução só ocupa um papel primário em uma cultura, e só apresenta caráter vanguardista, quando, a) a literatura de tal cultura é muito “jovem” e o polissistema ainda não se solidificou, b) quando a literatura, em um polissistema de várias literaturas, é periférica e/ou fraca, ou c), quando há reviravoltas, crises ou lacunas literárias na literatura deste país. No caso do Brasil, nas décadas de 1930 e 1940, a crise no mercado literário e editorial é evidente, com o caso da censura e o medo das editoras de publicar títulos nacionais; e mesmo com autores como José de Alencar já sendo traduzidos na França desde 1902 (TORRES, 2011, p. 24), a literatura brasileira pode ser considerada periférica dentro de um contexto mundial, ou dentro do que Even-Zohar chama de “macropolissistema” (1990, p. 48), principalmente pelo histórico de atraso do país em termos de produção intelectual.

A tabela a seguir é uma versão simplificada daquela apresentada por Lawrence Hallewell, em *O livro no Brasil: sua história* (1985, p. 372), mostrando a produção da José Olympio de 1932, início da editora, a 1950. As informações de Hallewell (1985, p. 372) provêm dos arquivos da própria editora.

ANO	EDIÇÕES TOTAL	EDIÇÕES NACIONAIS	EDIÇÕES TRADUZIDAS	ANO	EDIÇÕES TOTAL	EDIÇÕES NACIONAIS	EDIÇÕES TRADUZIDAS
1932	1	0	1	1942	73	51	22
1933	8	6	2	1943	101	52	49
1934	32	26	6	1944	125	58	67
1935	59	56	3	1945	90	41	49
1936	66	64	2	1946	90	32	58
1937	55	53	2	1947	110	44	65
1938	56	49	7	1948	107	57	50
1939	81	69	15	1949	81	38	43
1940	73	62	11	1950	79	38	41
1941	80	41	39				

É possível notar que, apesar de o número de edições traduzidas ter ultrapassado o de edições nacionais, poucas vezes ficaram muito próximos a partir de 1941, ano de publicação de *Orgulho e preconceito*. Como a José Olympio foi uma das mais ilustres editoras do período, a produção dessa editora ilustra a produção editorial como um todo, provando que a literatura traduzida estava no centro do polissistema brasileiro na década de 1940. Não foi possível o acesso a esse tipo de estatística da produção editorial após 1980, mas há motivos para crer que a posição da literatura traduzida no polissistema nacional, se não permaneceu central, não ficou muito longe disso: Hallewell mostra que na década de 1970 foram publicados 80.481 títulos e 30.344, 37,7%, destes eram traduções, considerando que boa parte das publicações eram reedições, e que os direitos autorais para a tradução passaram nessa

PEREIRA, RABELO. O palácio das ilusões da tradução austeniana: “Orgulho e preconceito” no sistema literário *Belas Infieis*, v. 1, n. 2, p. 45-71, 2012.

década de cerca de 500 dólares a até 105 mil libras esterlinas (HALLEWELL, 1985, p. 555-579). Hoje em dia, apesar de títulos brasileiros estarem presentes em listas de obras de escolas e vestibulares, nas livrarias, as prateleiras de títulos estrangeiros ocupam muito mais espaço do que as de títulos nacionais, e na mais recente lista dos 20 títulos mais vendidos em agosto de 2012 da *Veja on-line*,⁶ dezoito são obras traduzidas.

1.2 SOBRE A AUTORA E AS OBRAS

1.3.1 JANE AUSTEN

Jane Austen nasceu em Steventon, no condado de Hampshire, Inglaterra, em 16 de dezembro de 1775. Assim como para as heroínas de suas obras, a leitura de romances sempre foi um hábito da família de Austen, que possuía uma biblioteca com cerca de 500 títulos de autores variados e costumava fazer interpretações teatrais das obras para entretenimento. Austen escrevia histórias curtas para divertir os parentes, e a partir de 1795, passou a redigir as primeiras versões dos romances que seriam publicados no futuro. Austen escreveu ao todo seis romances, e após algumas tentativas frustradas, conseguiu publicá-los e ter reconhecimento como escritora. Pouco tempo depois, porém, adoeceu, e veio a falecer no dia 18 de julho de 1817, aos 41 anos, deixando tudo o que tinha para a irmã.

Desde a descoberta de suas obras pelo público, até os dias de hoje, Jane Austen representa uma grande influência para as gerações posteriores. Atualmente, há séries de livros que tentam dar continuidade para os textos de Austen ou reinventá-los sob uma perspectiva contemporânea (IVINS, 2011, p. 58). Não é apenas dessa forma que escritores mostram seu apreço por essa literatura: em muitos romances atuais, as heroínas são leitoras frenéticas da autora e até J. K. Rowling, autora do sucesso mundial *Harry Potter*, deu nome à gata de Hogwards de Mrs. Norris – em português Madame Nora⁷ – como homenagem a uma personagem de *Mansfield Park* (IVINS, 2011, p. 79).

1.3.2 *Orgulho e preconceito*

Pride and Prejudice, o primeiro romance completo de Austen, começou a ser escrito em 1796, em sua primeira tentativa de produzir um manuscrito para publicação. É curioso que, apesar de hoje esta ser considerada a obra-prima de Jane Austen, em 1797, quando o pai da autora tentou vendê-la a um editor, ela foi recusada, e só conseguiu publicação em 1813, após o sucesso de *Sense and Sensibility*. Adorada pelo público e elogiada pela crítica, *Orgulho e preconceito* tem sido a obra favorita da maioria dos leitores de Austen há quase dois séculos, tanto pelas personagens apaixonantes, de personalidade intensa, quanto pelo

PEREIRA, RABELO. O palácio das ilusões da tradução austeniana: “Orgulho e preconceito” no sistema literário *Belas Infieis*, v. 1, n. 2, p. 45-71, 2012.

enredo leve, com a ironia sempre espreitando os diálogos, formando o que Nicola Trott (2010, p. 92) chama de “comédia de costumes sociais”. Possui duas adaptações que também contribuíram muito para o seu sucesso: A série da BBC de 1995, com Colin Firth no papel de Mr. Darcy, e o filme de 2005, com Keira Knightley e Matthew Macfadyen nos papéis de Elizabeth Bennet e Mr. Darcy, respectivamente. Em 2003, *Orgulho e preconceito* ficou em segundo lugar em uma pesquisa popular da BBC de “Livro Mais Amado do RU” (*UK’s Best-Loved Book*), atrás apenas do fenômeno *Senhor dos anéis*; e em 2008 ficou em primeiro lugar de uma lista australiana dos “101 Melhores Livros da História” (*101 Best Books Ever Written*) (IVINS, p. 70). No Brasil, a obra já possui cerca de 30 edições de 17 editoras diferentes.

1.3.3 *Mansfield Park*

Mansfield Park foi a quarta obra de Jane Austen, e a terceira a ser publicada. Começou a escrevê-la em 1812 e terminou em 1814. Devido ao sucesso das publicações de *Orgulho e preconceito* e *Razão e sensibilidade*, Thomas Egerton decidiu apostar em *Mansfield Park*, cujos exemplares foram esgotados em menos de seis meses. Austen sempre quis manter o anonimato e não assinou nenhuma de suas obras; em sua primeira obra publicada, *Razão e sensibilidade*, dizia apenas “by a lady” – “por uma dama” – e *Mansfield*, dividida em três volumes como todas as demais, traz somente “by the author of *Sense and Sensibility* and *Pride and Prejudice*”.

Apesar de ter sido bem recebida pelos leitores, *Mansfield* é considerada pelos fãs o trabalho menos estimulante de Austen. Não que o romance seja inferior aos anteriores, pois é sem dúvida uma obra-prima com relação à estrutura narrativa, porém sua heroína não é tão interessante quanto às de suas outras criações. Fanny Price, extremamente virtuosa e moralista, com uma personalidade sensível, porém submissa, é de uma timidez irritante que faz com que ela praticamente suma nas cenas, não sendo notada nem mesmo pelos próprios familiares. Quando a trama se desenrola, Austen a revela como sendo mais humana do que aparentava, e mistura ao seu temperamento doce um pouco de inveja e maus pensamentos quanto às pessoas que julga “imorais”. Ainda assim, porém, falta-lhe vivacidade e, segundo a própria Jane Austen, que organizou uma coleção de opiniões de familiares e amigos sobre *Mansfield Park*, sua mãe chegou a considerá-la insípida:⁸ “Minha mãe – ‘não gostei tanto quanto de O. & P. – Achei Fanny insípida – Gostei da Sra. Norris.’” (*Opinions of Mansfield Park*, [1813?])⁹

1.4 *Orgulho e preconceito* no Brasil e seus tradutores

Orgulho e preconceito chegou ao Brasil em 1941, com tradução de Lúcio Cardoso, como obra inaugural da coleção Fogos Cruzados da Editora José Olympio. Foi a primeira obra de Jane Austen a ser traduzida para o português do Brasil, saindo três anos na frente de Portugal, que só recebeu a primeira tradução de *Pride and Prejudice* em 1943. Escolhemos duas traduções de *Orgulho e preconceito* para o estudo comparativo: a de Lúcio Cardoso, de 1941, da Editora José Olympio, e a de Alexandre Barbosa de Souza, de 2011, da *Penguin Classics* em parceria com a Companhia das Letras. A primeira foi escolhida por se enquadrar no objetivo do projeto: analisar traduções do cânone por escritores/tradutores dos anos 1930/1940; a segunda, por ser uma das traduções mais recentes da obra também feita por um escritor/tradutor de prestígio, porém desta vez contemporâneo.

O site da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), “Dicionário de Tradutores”, define Lúcio Cardoso como “tradutor, dramaturgo, poeta, artista plástico e romancista”.¹⁰ Em 1934, quando se mudou para o Rio de Janeiro, a Livraria José Olympio Editora se propôs a publicar novos romances brasileiros com uma tiragem 10 vezes maior que das outras editoras e pagar adiantado aos escritores, o que levou vários autores das editoras Schmidt e Ariel a se mudarem para lá, entre eles Lúcio Cardoso (HALLEWELL, 1985, p. 355-357). O escritor mineiro iniciou na José Olympio sua função de tradutor, e traduziu ao todo 14 obras, 10 publicadas lá, entre elas *Orgulho e preconceito*. Os romances a serem traduzidos eram escolhidos por Vera Pereira, a letrada esposa de José Olympio, que se dedicou à “seção de livros estrangeiros, aos *best-sellers*, às traduções” (VILLAÇA, 2001, p. 139). Ainda na descrição de Antônio Villaça, Vera Pereira era

[...] da melhor sociedade paulista [...] Era professora de francês e de inglês. Tinha certificados de Cambridge e de Harvard. [...] Trabalhou um ano na BBC de Londres como redatora de textos sobre artes plásticas. Foi professora da Escola de Teatro Martins Pena. Exerceu as funções de adida cultural do Brasil em Londres por dois anos. Ter morado em Londres foi uma das suas experiências mais profundas (VILLAÇA, 2001, p. 76 e 140).

Alexandre Barbosa é autor de *Livro de poemas* (1992), *Viagem a Cuba* (1999), *XXX* (2003), *Azul escuro* (2004) e do infanto-juvenil *Autobiografia de um super-herói* (2003). Segundo a edição de *Orgulho e preconceito* da Penguin Companhia, ele também foi “editor na Cosac Naify e na Editora 34, e é tradutor de obras do inglês, do francês e do espanhol” (AUSTEN, **Orgulho e preconceito**, 2011, p. 1). No site da Editora Companhia das Letras, Barbosa descreve sua experiência com a tradução de Austen:

PEREIRA, RABELO. O palácio das ilusões da tradução austeniana: “Orgulho e preconceito” no sistema literário *Belas Infieis*, v. 1, n. 2, p. 45-71, 2012.

Quando me propuseram traduzir *Pride and Prejudice*, aceitei na mesma hora. [...] era uma oportunidade de me colocar na estante ao lado do genial Lúcio Cardoso, que havia traduzido, em 1940, o romance de Austen para a editora José Olympio. [...] era a tradução que eu lera ainda adolescente, onde eu tinha tudo anotado a lápis. Mas meu principal motivo, no entanto, era a sensação de que Lúcio Cardoso teria deixado de lado algumas especificidades dos personagens de Austen: no original, o senhor Collins era ainda mais ridículo e retórico; Lady Catherine devia soar mais solene e imperativa; a declaração de Darcy podia ser mais intempestiva, a carta, mais elevada – mas, sobretudo, a senhora e o senhor Bennet precisavam de mais humor no tratamento, e Lizzy era obrigatoriamente mais moderna, direta e sagaz.¹¹

1.5 *Mansfield Park* no Brasil e suas tradutoras

Apesar de qualquer reticência contra o enredo, essa foi a segunda obra austeniana a atingir as mãos dos leitores brasileiros em sua língua materna. *Mansfield Park* recebeu em 1942 sua primeira publicação em português na Coleção Fogos Cruzados da Editora José Olympio, traduzida por Rachel de Queiroz. Apesar do número quase extravagante de traduções, edições e reedições de *Orgulho e preconceito*, *Mansfield Park* totaliza apenas quatro edições em português do Brasil, com três diferentes traduções. Para este estudo, foram escolhidas duas das edições em português para comparação: a edição de 1942, de Rachel de Queiroz, por razões já apresentadas, e a edição de 2011 de Mariana Neumann, por ser a mais recente e ainda pouco trabalhada.

A primeira tradutora, Rachel de Queiroz, foi uma das autoras que se dedicou à prática tradutória durante o Governo Vargas, com sucesso, até por causa de suas opiniões políticas,¹² e mostrou-se uma grande tradutora. Foi após o lançamento de *O quinze* que a escritora cearense foi convidada por José Olympio a trabalhar na editora como tradutora. Chegou a traduzir uma média de 45 títulos de variados escritores, enquanto produziu 23 obras. A parceria com José Olympio durou 57 anos (QUEIROZ e QUEIROZ, 1998, p. 185), e podemos afirmar que o trabalho de tradução influenciou Queiroz como escritora também. Natália Guerellus, em sua dissertação de mestrado em História, conta que as traduções de “biografias ou memórias influenciaram os trabalhos dos próprios regionalistas como Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz” (GUERELLUS, 2011, p. 144), e que a publicação em massa da literatura “menor”, aventura e romances policiais, por exemplo, resultariam na produção desses gêneros por autores nacionais.

A prova disso seria a quarta obra de Rachel de Queiroz, *As três Marias*, que, publicada em 1939, circula pelo universo feminino de três personagens principais; não possui caráter regional; é mais intimista; e foi escrita em primeira pessoa, diferente de suas três obras anteriores em todos os aspectos. Nesse mesmo ano, a autora trabalhou na tradução de *Eu*

PEREIRA, RABELO. O palácio das ilusões da tradução austeniana: “Orgulho e preconceito” no sistema literário *Belas Infâmias*, v. 1, n. 2, p. 45-71, 2012.

soube amar, de Edith Wharton, de 1922, que também narra a vida de três mulheres na Nova York do século XIX. Além disso, Dôra, *Doralina* (1975), com aspectos biográficos, pode ter sido influenciada pelo estilo narrativo das seis biografias e memórias que Queiroz traduziu ao longo de 20 anos.

Como diretora da Coleção Fogos Cruzados, Queiroz teve a oportunidade de escolher algumas das obras que traduziu, e ela preferia a literatura francesa, ficando a literatura inglesa por conta da escolha de Vera Pereira, e a própria Rachel de Queiroz narra essa situação.¹³ Entre todas as obras traduzidas por ela, boa parte classificava-se como “literatura feminina”, adequada para um contexto em que as mulheres começavam a conquistar seu lugar na sociedade e tinham, inclusive, conquistado seu direito ao voto. *Mansfield Park* faz parte de tal grupo, possuindo importante caráter literário, especialmente por causa de Austen, autora de romances repletos de crítica social, ironia e conflitos, num momento em que a literatura era dominada por homens e que o gênero textual ainda não era respeitado por intelectuais e pela classe alta (IVINS, 2011, p. 49).

54

Quanto à tradutora Mariana Menezes Neumann, há pouca informação. Graduou-se em Sociologia e Ciências Sociais pela PUC-Rio, e em 2005, tornou-se mestre em Relações Internacionais pela Universidade Federal Fluminense. Não há informações sobre como Neumann tornou-se tradutora do Grupo Editorial Record, apenas que, até o presente momento, traduziu três volumes da Edições BestBolso: *Ardil-22* (2010), de Joseph Heller, *Persuasão* (2011) e *Mansfield Park* (2011), de Jane Austen.

DESENVOLVIMENTO

2.1 ASPECTOS MORFOLÓGICOS

O objetivo aqui é estudar como cada tradução foi apresentada ao público, seguindo o que Marie-Hélène Torres (2011, p. 17) chama de aspectos morfológicos.

Entendemos por índices morfológicos todas as indicações que figuram nas capas externas – frente e verso – e nas capas internas dos livros (página de rosto, páginas do falso título, etc.) e que trazem detalhes sobre o estatuto das traduções, ou seja, a maneira pela qual elas são percebidas conforme os elementos informativos que apresentam.

O foco do trabalho de Torres (2011, p. 11) é mostrar como os aspectos morfológicos e “os textos de acompanhamento autenticam e legitimam a obra no contexto da língua de chegada”. Torres parte dos trabalhos de José Lambert e Katrin van Bragt (1980), Gideon

Toury (1980 e 1995) e Antoine Berman (1995 e 2008) para compor sua metodologia de análise do paratexto.

2.1.1 *Orgulho e preconceito*

Começando pela edição de 1941 de *Orgulho e preconceito*, temos na capa um bom exemplo da visibilidade que o item morfológico dá ao tradutor. Aqui estão os elementos da capa dessa edição:

- Nome da autora, Jane Austen
- Título da obra, *Orgulho e preconceito*
- Título original, *Pride and Prejudice*
- “Tradução de Lúcio Cardoso”
- Gênero, Romance
- Editora, “Livraria José Olympio Editora

Nesse momento editorial do Brasil, porém, anunciar que o tradutor é um escritor brasileiro consagrado ao publicar pela primeira vez a obra de uma autora inglesa do início do século XIX significa legitimar a tradução e garantir o sucesso da edição, pois o público poderia comprar o livro tanto pela autora, no caso dos que já a conhecem lendo do original em inglês ou traduções para outras línguas, quanto pelo tradutor.

55

Depois, é apresentada uma lista de títulos a serem lançados pela Coleção Fogos Cruzados e a folha de anterosto, que repete o título do romance. No verso da folha de anterosto estão os “Romances de Jane Austen, incluídos na Coleção Fogos Cruzados” e as seis obras de Lúcio Cardoso publicadas até então. Quanto aos romances de Austen, a edição lista:

<i>Juízo e sensibilidade</i> - tradução de Dinah Silveira de Querioz
<i>Mansfield Park</i> - tradução de Carolina Nabuco
<i>Persuasão</i>
<i>A Abadia de Northanger</i>

Nota-se que *Juízo e sensibilidade* mudou de título para *Razão e sentimento* quando foi publicado em 1944. Os dois últimos romances, *Persuasão* e *A Abadia de Northanger*, não informam os tradutores e nunca foram publicados pela José Olympio, dando a entender que essas obras eram apenas um plano da editora que não se concretizou. Mais importante, no entanto, é a tradução de *Mansfield Park* ter sido atribuída à Carolina Nabuco, quando na edição publicada, em 1942, Rachel de Queiroz consta como tradutora, bem como em todas as outras listas de obras da coleção, e não há nenhuma menção a Nabuco ter se envolvido com a

tradução dessa obra nem em biografias de José Olympio e nem na da própria Carolina Nabuco.¹⁴

O verso da folha de rosto explica a origem da tradução dizendo “Título do original inglês: *Pride and Prejudice*”, o que serve tanto para informar que o original estava na língua inglesa, quando para indicar a nacionalidade, também inglesa, já que não foi dito “Título do original em inglês”. A seguir vem o nome de Raul Brito, responsável pela capa, que ganha pouco destaque por não ser muito conhecido. A folha de rosto em si contém:

Título	<i>Orgulho e preconceito</i>	Coleção	Fogos Cruzados
Autor	Jane Austen	Data	1941
Tradutor	Lucio Cardoso	Editora	Livraria José Olympio Editora
Língua de origem	—	Local	Rua do Ouvidor, 110 – Rio de Janeiro
Gênero	Romance	Nº na coleção	1

Essa edição possui uma nota do tradutor de duas páginas, que funciona como uma introdução à autora, Jane Austen, e que, para os que conhecem a vida dessa autora hoje, após centenas de biografias e pesquisas sobre ela, beira a comicidade.

56

Jane Austen, como tantas outras famosas romancistas inglesas, teve uma vida obscura e difícil, quase despida de repercussões exteriores. Vivendo num meio acanhado, numa época de extremo puritanismo, destituída de grandes atrativos femininos, estaria destinada a perecer nessa sufocante atmosfera de mediocridade, se não fosse o seu incontestável talento (CARDOSO, 1941, p. 7).

É dessa forma trágica que ele inicia seu texto, soando como se Austen não fosse bonita, passasse por dificuldades financeiras e tivesse uma vida monótona. É certo que as mulheres, na época, tinham dificuldades para serem aceitas como escritoras, e Austen não viveu cercada por luxo, mas sua vida também não foi nenhum calvário. Holly Ivins, em *The Jane Austen Pocket Bible* (2011), fala sobre cada um desses pontos. Ela diz que a autora participou ativamente da vida social de Steventon e em casa ela e os irmãos encenavam comédias (IVINS, 2011, p. 5). Ivins conta também que Austen ter decidido escrever profissionalmente partiu de gosto e inclinação pessoais, e ela não desejava fama ou retorno financeiro (IVINS, 2011, p. 7), pois escrevia para divertir os amigos e a família. E quanto à aparência de Austen, é provável que Lúcio Cardoso tenha visto o retrato da autora, o único existente, feito por sua irmã, Cassandra Austen. Ivins afirma que a sobrinha de Jane, Anna, ao ver o retrato, disse ser “horrivelmente diferente” e que seus parentes diziam que ela era “atraente e bonita” (IVINS, 2011, p. 10). Não há um retrato oficial para confirmar ou desmentir. Ainda assim, o relato de Cardoso é válido por forçar a ideia de que ela conseguiu

PEREIRA, RABELO. O palácio das ilusões da tradução austeniana: “Orgulho e preconceito” no sistema literário *Belas Infieis*, v. 1, n. 2, p. 45-71, 2012.

escrever grandes obras, hoje clássicos, por mais improvável que fosse, o que sensibiliza o leitor. Após a nota do tradutor, o texto é apresentado.

A edição da Penguin Classics Companhia das Letras, de 2011, é apresentada ao público de maneira bem diferente da edição de 1941. Enquanto a intenção da Editora José Olympio, nos anos 1930 e 1940, era introduzir os clássicos da literatura universal no mercado literário brasileiro, para formar leitores mais cultos, e promover a um público mais amplo o acesso a obras que antes eram lidas no original por um público mais restrito, o objetivo da Penguin Companhia era enriquecer os leitores dos clássicos com edições mais completas, prefaciadas e anotadas, que possam servir como um estudo da obra e do escritor, além da simples leitura do texto. Hoje em dia, quase 200 anos depois da publicação de *Pride and Prejudice*, os textos de Austen viraram documentos históricos, objetos de estudo do período regencial e dos costumes oitocentistas, e, estando esse universo distante de nós em tempo e espaço, muitos estudiosos se propuseram a estudar os textos e explicar alguns aspectos característicos da sociedade inglesa em que Austen vivia. Essa edição se esforça não para impressionar o leitor visualmente, e sim para conquistá-lo com os textos de acompanhamento que enobrecem a edição.

57

É certo que a tradução de Alexandre Barbosa de Souza partiu do texto da Penguin Classics, pois as edições em português e inglês são idênticas, a começar pela capa (Anexo 1). Na capa da edição de 2011 temos:

- Editora Penguin Companhia;
- Coleção, Clássicos;
- Autora, Jane Austen;
- Título da obra, *Orgulho e preconceito*;
- Pintura de sir Lawrence Thomas, de 1825, *A Double Portrait of the Fullerton Sisters, Seated full Length, in white dresses*.

A informação quanto à imagem da capa está no rodapé da contracapa, a qual, seguindo o padrão de edições contemporâneas, traz a sinopse do livro, o nome do tradutor, a editora, novamente, e seu site. A primeira página do livro é dedicada à apresentação de Jane Austen, do tradutor Alexandre Barbosa, da organizadora do texto e dos autores do prefácio, notas e introdução. Na folha de rosto dessa edição estão:

Título	<i>Orgulho e preconceito</i>	Local	—
Autor	Jane Austen	Data	—
Tradutor	Alexandre Barbosa de Souza	Editora	Penguin Comanhia das Letras

Autora do prefácio e notas	Vivien Jones	Autor da Introdução	Tony Tanner
-----------------------------------	--------------	----------------------------	-------------

Essa edição possui vários textos de acompanhamento, em geral, versões traduzidas daquelas da edição da Penguin Classics. Há um parágrafo de agradecimento de Vivien Jones, datado de junho de 1995, seguido pelo prefácio, no qual Jones fala sobre *Orgulho e preconceito*, a percepção mundial do texto e a crítica positiva que atravessa gerações. A introdução de Tony Tanner, publicada desde a edição de *Pride and Prejudice* da Penguin Classics de 1972, vem logo depois, tratando de diversos pontos de vista, abordagens e interpretações do romance austeniano.

O texto de *Orgulho e preconceito* vem dividido em três partes, uma com 23 capítulos e as outras com 19, de acordo com a organização do texto publicado originalmente, em 1813. O texto é recheado de notas explicativas, que aparecem ao fim do livro, e que também foram traduzidas; só ficaram de fora da edição brasileira as notas relativas às questões linguísticas do inglês, irrelevantes em português. Ao fim do texto, temos ainda emendas ao texto, notas, gerais e explicativas, cronologia e “outras leituras”, que é, na verdade, uma sugestão de literatura biográfica e crítica de Jane Austen para quem quiser se aprofundar no assunto. O quadro recapitulativo a seguir ilustra os textos de acompanhamento.

58

Agradecimentos	Vivien Jones, junho de 1995.
Prefácio	Vivien Jones, [s.d], 32 páginas.
Introdução	Tony Tanner, 1972, 55 páginas.
Nota do tradutor	—
Posfácio	—
Emendas ao texto	Autor não mencionado
Notas	Vivien Jones, [s.d.]
Cronologia	Organizada pelos editores
Outras Leituras	Organizadas pelos editores

Todos esses textos de acompanhamento servem para esclarecer o texto, o contexto histórico-cultural e a origem da obra; são como um panorama das interpretações e respostas críticas que acompanharam os textos de Jane Austen por dois séculos, enquanto se espalhavam ao redor do mundo através de traduções. São muito importantes para o verdadeiro entendimento da obra e essa é a única edição brasileira a conter todos esses textos “adicionais”.

2.1.2 *Mansfield Park*

O responsável pela capa da edição de 1942 é o escritor e pintor brasileiro Luís Jardim, que teve vários de seus livros publicados pela José Olympio e ilustrou várias capas de publicações da editora. Nessa capa estão presentes as seguintes informações:

- O nome da autora, Jane Austen;
- O título do livro, *Mansfield Park*;
- A ilustração de uma casa, semelhante àquelas das propriedades rurais inglesas do século XIX, cenário da obra;
- O gênero textual, “romance”;
- A editora, Livraria José Olympio Editora.

O nome da tradutora é omitido na capa, ao contrário de *Orgulho e preconceito* (1941), o que nos leva a indagar por que o nome de Rachel de Queiroz, tão reconhecido na década de 1940, não fora usado para a publicidade da obra. Em seguida, há a listagem de títulos da Coleção Fogos Cruzados já lançados e a serem lançados. No verso da folha de anterrosto, encontramos uma lista das obras de Jane Austen e das obras de Rachel de Queiroz. Quanto às de Queiroz, a lista traz todos os romances da autora publicados até então (alguns pela mesma editora), *As três Marias*, *O quinze*, *João Miguel* e *Caminho de pedras*. Ao listar as obras de Austen, porém, são mencionadas apenas aquelas que possuem versão traduzida para o português e que fazem parte da mesma Coleção Fogos Cruzados: *Orgulho e preconceito* e *Razão e sentimento*.

O uso da listagem de obras da autora e tradutora possui caráter informativo e comercial. Como na edição de *Orgulho e preconceito*, aqui o leitor descobre que a grande escritora brasileira Rachel de Queiroz está envolvida com a tradução da obra, e há de se imaginar que uma personalidade já pública como ela não assinaria uma tradução de um texto que não tivesse seu valor. Pode-se dizer, então, que nesses casos o nome e o prestígio da tradutora também legitimam o trabalho da tradução.

O verso da folha de rosto informa “Título do original inglês: *Mansfield Park*”, que novamente combina a nacionalidade e a língua inglesa. A tabela seguinte mostra os elementos da folha de rosto.

Título	<i>Mansfield Park</i>	Coleção	Fogos Cruzados
Autor	Jane Austen	Data	—
Tradutor	Rachel de Queiroz	Editora	Livraria José Olympio Editora
Língua de origem	—	Local	Rua do Ouvidor, 110 – Rio de Janeiro
Ilustrador da capa	Luiz Jardim	Nº na coleção	9

Essa edição não possui introdução, prefácio, posfácio ou qualquer outro texto de acompanhamento. Após a folha de rosto, há a ilustração de Jane Austen, feita por sua irmã Cassandra, e então o texto em si. É curioso o fato de não haver nenhum tipo de introdução, comentário ou bibliografia sobre a vida de Austen e suas obras; é provável que esperassem que a Nota do Tradutor de Cardoso servisse para apresentar a autora ao público e já não fosse necessário outro texto do gênero.

A proposta da edição da BestBolso, de 2011, é dar ao leitor de Austen a oportunidade de ler uma obra que tinha apenas três traduções brasileiras até então, aproveitando-se da recente descoberta da autora pelo público jovem. É uma edição barata, de menos de 20 reais, enquanto a edição de *Mansfield* da Landmark chega aos 50; é ainda fácil de encontrar, já que a tradução de Queiroz da José Olympio não está mais à venda. A capa, mais colorida que a de 1942, contém:

- Nome da autora e gênero textual, “Romance clássico de Jane Austen”;
- Título da obra, *Mansfield Park*;
- Informa que o texto segue a nova ortografia;
- Editora, BestBolso; e
- Uma parte da pintura *In the Conservatory*, de James Tissot, do século XIX.

60

Enquanto a contracapa da edição de 1942 não apresenta textos, a dessa edição é decisiva para o público: possui uma imagem de Jane Austen, com um comentário legitimador de Virgínia Woolf, ainda que sem referências, sobre ela ao lado – “Jane Austen é a mais perfeita artista entre as mulheres, a escritora cujos livros são imortais”; abaixo um trecho do prefácio de Julia Romeu sobre a obra e, em seguida, a sinopse do livro, curta, porém eficiente, em seu papel de tornar o texto interessante; por último e finalmente, os dizeres “Tradução de Mariana Menezes Neumann”.

Na folha de rosto dessa edição estão:

Título	<i>Mansfield Park</i>	Coleção	—
Autor	Jane Austen	Data	2011
Tradutor	Mariana Menezes Neumann	Editora	BestBolso
Língua de origem	—	Local	Rio de Janeiro
Autor do Prefácio	Julia Romeu		

Essa edição possui uma breve introdução e um prefácio. A introdução antecede a folha de rosto e trata de modo sucinto da história de Austen e de suas obras. O prefácio de Julia Romeu, que vem depois da folha de rosto, resume o enredo e tenta mostrar por que Fanny, a mais insípida heroína austeniana, merece ser apreciada. Uma boa estratégia, sem dúvida,

valorizar o enredo e suas personagens uma página antes de seu início, para que o leitor já inicie a leitura com boa expectativa. O quadro recapitulativo abaixo mostra os textos de acompanhamento:

Data/Local	Rio de Janeiro – 2011
Introdução	Sobre a autora, lista de obras. Sem menção de autor
Prefácio	“Uma estranha heroína”, por Julia Romeu
Nota do Tradutor	—
Posfácio	—

Comparando-se as apresentações dos textos ao público, com relação aos aspectos morfológicos, percebemos que a edição de 2011 esforça-se para conquistar o leitor, com cores mais vibrantes na capa, textos de acompanhamento, e até mesmo a menção sutil de “Romance clássico de Jane Austen”, que mostram o valor histórico da obra. A edição de 1942, por outro lado, tem um caráter mais artesanal, com um ilustrador conhecido como responsável pela capa, e uma imagem (a de uma casa campestre) que tem muito a ver com a obra, enquanto a edição da BestBolso ilustra a capa com uma pintura já conhecida, mas que só se relaciona com a história por ser oitocentista. A edição da José Olympio, além disso, garante a qualidade da obra através do nome da editora, que era muito respeitada, e das listas de obras da Coleção Fogos Cruzados, de Rachel de Queiroz e da própria Austen, que reafirmam a qualidade da edição, da tradução e do próprio texto.

61

2.2 ANÁLISE CRÍTICA DAS TRADUÇÕES

O objetivo da análise crítica deste projeto não é apontar “erros” de tradução, nem colocar uma tradução acima da outra. John Milton, em *Tradução: teoria e prática* (2010), ao unir os estudos de André Lefevere (1977, 1982, 1983 e 1986), de Itamar Even-Zohar (1978) e de Lawrence Venuti (1995), conclui que

uma tradução literária não é examinada do ponto de vista da precisão, expressão ou brilho com os quais consegue refletir o original; em vez disso, analisa-se o lugar que a tradução ocupa dentro do sistema da língua para a qual foi traduzida (o sistema alvo). Uma tradução não é analisada isoladamente, simplesmente em conexão com seu original, mas é vista como parte de uma rede de relações que inclui todos os aspectos da língua-alvo, e este papel pode ser ou central ou periférico dentro do sistema-alvo (VENUTI, 2010, p. 208)

Sendo assim, os exemplos dados aqui servem para ilustrar as traduções discutidas até o momento. Não podemos realmente comparar traduções separadas por décadas, pois é necessário que se considere a limitação dos recursos de pesquisa dos anos 1930 e 1940, e a abundância deles hoje em dia. Alexandre Barbosa, por exemplo, partiu de um original de

Orgulho e preconceito já anotado e estudado, o que tornaria suas decisões vocabulares muito mais simples, enquanto Lúcio Cardoso teve que lidar com o mesmo vocabulário buscando conhecimento sobre o interior inglês do século XIX por conta própria, lidando apenas com muitos termos a partir do contexto. Deve-se examinar cada decisão tradutória de acordo com as circunstâncias que as cercam.

2.2.1 *Orgulho e preconceito*

A popularidade de *Orgulho e preconceito* tem sido, muitas vezes, atribuída aos diálogos, que no original soam fluentes e informais, sem qualquer vocabulário rebuscado que atrase o ritmo das personagens durante a leitura, e, ao mesmo tempo que são cordiais, levemente irônicos. O primeiro exemplo diz respeito a uma questão vocabular difícil de resolver sem as devidas pesquisas, pois se trata de um objeto característico da nobreza rural do século XIX.

62

Original	“[...] he came down on Monday in a <i>chaise and four</i> to see the place, and was so much delighted with it that he agreed with Mr. Morris immediately; [...]” (p. 11).
Tradução de Cardoso	“[...] êle chegou segunda-feira numa <i>elegante caleça</i> afim de (<i>sic</i>) visitar a propriedade. Ficou tão encantado que entrou imediatamente em negócio com Mr. Morris; [...]” (p. 9).
Tradução de Barbosa	“[...] ele chegou segunda-feira numa <i>carruagem com quatro cavalos</i> ¹ para ver o lugar e gostou tanto que fechou na hora com o senhor Morris; [...]” (p. 103).

A *chaise and four* era uma carruagem fechada, na qual cabiam três pessoas, puxada por quatro cavalos. É isso que explica a nota presente na tradução de Barbosa, que se torna automaticamente mais fiel e esclarecedora, que também conta que para possuir uma dessas era necessária boa renda. No original de Lúcio Cardoso não havia notas explicando o que era o objeto, e ainda assim sua tradução foi interessante: “caleça” é uma carruagem, normalmente com dois assentos puxada por um par de cavalos, e mesmo que ele tenha ignorado o *four* que representa os quatro cavalos, ele acrescentou o adjetivo “elegante”, que mostra que ele estava ciente de que tal coche indicava certo nível de riqueza.

PEREIRA, RABELO. O palácio das ilusões da tradução austeniana: “Orgulho e preconceito” no sistema literário *Belas Infieis*, v. 1, n. 2, p. 45-71, 2012.

Original	<p>“‘Ah! you do not know what I suffer.’</p> <p>‘But I hope you will get over it, and live to see many young man of four thousand a year come into the neighbourhood.’</p> <p>‘It will be no use to us, if twenty such should come since you will not visit them.’</p> <p>‘Depend upon it, my dear, that when there are twenty, I will visit them all’” (p. 14).</p>
Tradução de Cardoso	<p>“– Ah, você não sabe o que eu soffro!</p> <p>– Espero que você se restabeleça e viva bastante tempo para ver muitos rapazes com quatro mil libras anuais de rendimento se instalarem na vizinhança.</p> <p>– Pouco nos adeantarás [<i>sic</i>] que venham vinte deles si você se recusar a visitá-los.</p> <p>– Pode ficar certa, minha querida, de que quando chegarem os vinte eu os visitarei a todos” (p. 11).</p>
Tradução de Barbosa	<p>“‘Ah! Você não sabe quanto eu soffro.’</p> <p>‘Mas espero que você consiga superar tudo isso, e ainda viva o bastante para ver muitos rapazes com quatro mil libras por ano se mudarem para cá.’</p> <p>‘Mas de que adiantariam tantos se você não fosse visitá-los?’</p> <p>‘Pode contar com isso, minha cara; quando houver vinte deles, irei visitar a todos.’” (p. 105).</p>

Esse diálogo, também localizado no início do romance, faz parte de uma conversa do casal Mr. e Mrs. Bennet, ela sempre eufórica, sofrendo dos nervos, e ele calmo e sagaz. É uma troca muito dinâmica no original, e a tradução de Lúcio Cardoso tem um ritmo mais confortável e compatível com o da época do texto original, um ar atemporal, que soa natural na tradução de Cardoso por fazer parte da realidade em que ele traduziu a obra, enquanto a linguagem contemporânea de Barbosa é incompatível com a do século XIX. Por outro lado, “libras anuais de rendimento” é uma explicação desnecessária e um pouco cansativa para um texto que precisa de agilidade: “libras por ano”, como a de Barbosa, passa a ideia com tranquilidade e deixa o texto mais dinâmico.

Original	<p>“[...] Such I was, from eight to <i>eight and twenty</i>; and such I might still have been but for you, dearest, loveliest Elizabeth! [...]” (p. 460).</p>
Tradução de Cardoso	<p>“[...] Assim fui eu dos oito aos <i>vinte anos</i>. E si não fôsse a minha querida e adorável Elisabeth, talvez ainda não me tivesse mudado” (p. 377).</p>
Tradução de Barbosa	<p>“[...] Fui assim dos oito aos <i>vinte e oito</i>; e poderia ter continuado assim se</p>

<p>não fosse por você, minha querida e adorável Elizabeth!” (p. 510).</p>

As partes grifadas mostram uma peculiaridade da língua inglesa muito comum em textos clássicos, mas que não é mais usada hoje em dia. Trata-se de apenas inverter a ordem das dezenas e unidades, em vez de *twenty-eight*, temos *eight and twenty*. É possível deduzir tal coisa pelo contexto, porque Mr. Darcy já é proprietário das terras e bens de sua família, e na Inglaterra oitocentista, um jovem só tinha acesso a sua respectiva renda a partir dos 21. Cardoso não conseguiu captar esse sentido e, ignorando um “oito”, atribuiu impossíveis 20 anos de idade a Mr. Darcy. Observe também que Lúcio Cardoso mudou levemente o nome da personagem principal: de Elizabeth, grafado com *z*, para Elisabeth, grafado com *s*, como é escrito no Brasil.

2.2.2 *Mansfield Park*

Um aspecto interessante das traduções é como cada uma das tradutoras trabalhou com os títulos de romances e peças:

64

Original	“‘We have got a play,’ said he. ‘It is to be <i>Lovers’ Vows</i> ; and I am to be Count Cassel, and [...]” (p. 142).
Tradução de Queiroz	“– Já temos a peça, disse ele. Vai ser ‘Juras de Amor’: eu vou desempenhar o papel de Conde Cassel e [...]” (p. 138).
Tradução de Neumann	“– Nós temos uma peça – disse ele. – Será <i>Lovers’ Vows</i> , e eu vou desempenhar o papel de conde Cassel” (p. 132).

Temos aqui a questão do título da peça que as personagens pretendem encenar. *Lovers’ Vows* (1798) é uma peça de Elizabeth Inchbald, contemporânea de Austen, que nunca foi traduzida para o português, não tendo, pois, um título brasileiro. Logo na primeira vez em que o título aparece no texto, na página 121, a escritora brasileira propõe: “A peça escolhida tinha sido ‘Lovers’ Vows’ (‘Juras de amor’)”, e segue o resto do texto usando *Juras de amor*. A proposta de Queiroz foi interessante porque esse é um título repetido diversas vezes durante a obra, e o leitor certamente se sentiria mais confortável se ele estivesse em sua língua materna. Neumann mantém o título em inglês, aproximando o leitor da cultura de origem do texto.

Original	“And here are Crabbe’s <i>Tales</i> , and <i>The Idler</i> , at hand to relieve you, if you tire of your great book” (p. 159).
Tradução de Queiroz	“E aqui temos ‘Tales’ e ‘The Idler’ de Crabbe, para a socorrer quando se cansar de seu grande livro” (p. 155).
Tradução de Neumann	“– Aqui estão os <i>Tales</i> de Crabbe e o <i>Idler</i> , para distraí-la caso se canse do seu grande livro” (p. 148).

Percebemos que Queiroz muda de estratégia e, quando antes traduziu o título da peça, nesse trecho ela mantém o original. Outro detalhe é que ela traduziu como se os *Tales* (contos, em português) e o *The Idler* fossem de George Crabbe, quando apenas o primeiro o é. *The Idler* foi uma série de artigos, quase todos por Samuel Johnson, publicados semanalmente no *Universal Chronicle*, uma gazeta britânica, de 1758 a 1760; sua grande popularidade o transformou em livro depois. A interpretação da frase, então, condiz com a tradução de Neumann. Para descobrir tal coisa, é necessária uma pesquisa, então a má interpretação de Queiroz é explicável talvez pela falta de recursos para consulta da época.

2.3 AS RELEITURAS E ADAPTAÇÕES DA OBRA AUSTENIANA

Não é de hoje que os clássicos da literatura são alvos de releituras ou adaptações, e a obra de Jane Austen não é exceção. Holly Ivins acredita que o número de filmes, séries e livros inspirados na escritora inglesa e em seus romances se deve aos diálogos afiados e personagens realistas, bem como a idade dos textos, que poupam os criadores das novas versões de lidar com direitos autorais (IVINS, 2011, p. 145).

No que concerne às versões literárias das obras de Austen, temos o *O diário de Bridget Jones*, de Helen Fielding, que inspirou o filme de mesmo nome de 2001, e muitos que não possuem tradução para o português, como *Austenland*, de Shannon Hale, *Pride/Prejudice*, de Ann Herendeen, e *The Jane Austen Bookclub*, de Karen Joy Fowler, cuja versão para o cinema estreou Brasil em 2007. Das versões criadas recentemente, a que fez mais sucesso no cenário internacional e chegou ao Brasil em 2010 foi *Orgulho e preconceito e zumbis*, da Editora Intrínseca, tradução de Luiz Antônio Aguiar.

O editor da Quirk Books, editora do original *Pride and Prejudice and Zombies*, Jason Rekulak, em uma entrevista ao jornal *O Globo*,¹⁵ diz ter unido clássicos literários, como *Orgulho e preconceito*, aos tópicos de maior sucesso na internet, no caso, zumbis. Para escrever o livro, ele convidou Seth Grahame-Smith, e conta que o resultado foi 85% Austen e 15% zumbi. De fato, ao ler o livro, todo o cenário soa muito natural; toda a polidez das personagens, os bailes, os diálogos, a preocupação de Mrs. Bennet em casar as filhas, está

PEREIRA, RABELO. O palácio das ilusões da tradução austeniana: “Orgulho e preconceito” no sistema literário *Belas Infieis*, v. 1, n. 2, p. 45-71, 2012.

tudo lá, envolto por um apocalipse zumbi que, nos poucos momentos que rouba a cena, conquista um público que talvez nunca conhecesse Austen em sua criação original.

Apesar da apresentação petulante na orelha do livro como a transformação de “uma obra-prima da literatura em algo que você terá vontade de ler”, ele não falha em seu propósito de conquistar novos leitores: Rekulak conta que uma professora lhe disse que seus alunos de 15 anos adoraram o livro, e com os 85% de Austen aprenderam sobre literatura inglesa envolvidos com algo que acham mais “divertido”. Com o sucesso da obra, a *Quirk Books* lançou também *Razão e sensibilidade e monstros marinhos* e vários outros títulos envolvendo clássicos e aberrações. A popularidade de tais releituras acaba repercutindo no texto original, que passa a ser alvo do interesse de um público leitor renovado.

2.4 A REDESCOBERTA PELO PÚBLICO BRASILEIRO

Assim como livros e filmes surgem por meio da influência de outros de mesmo gênero, as pessoas também estão sujeitas a tal potestade. Se, ao ler uma obra, o público consegue se identificar com a personagem principal, o que interessar a essa personagem também deverá interessar o leitor. Há algum tempo, textos contemporâneos, em especial os da literatura infanto-juvenil, têm criado personagens mais letradas, conhecedoras de autores, cineastas e compositores clássicos. Se a inserção de títulos canônicos no texto contemporâneo tem o objetivo de enobrecer a personagem, tornando-a mais fascinante e peculiar por fazer parte de um conjunto cultural restrito e não muito visitado por adolescentes do século XXI, não é possível afirmar. É certo, no entanto, que essas obras, que muitas vezes viram *best-sellers* mundiais, ao citar um romance clássico, por exemplo, influencia seu leitor a ler o clássico também, e, por conta disso, o cânone conquistou um público leitor moderno e muito mais jovem.

Meg Cabot, autora da série *O diário da princesa*, que, segundo o site da Editora Record já foi publicado em 37 países e vendeu mais de cinco milhões de cópias,¹⁶ costuma fazer referências a todo tipo de cultura, citando em seus mais de 40 livros ícones da TV, do cinema, da música e da literatura. Suas referências vão de *Friends* e *Guerra nas estrelas* a Ozzy Osbourne e Jane Austen. Em uma parte do livro *A Princesa à espera*, a personagem principal faz uma lista de heroínas românticas, e entre as obras citadas estão *Jane Eyre*, *Orgulho e preconceito*, *...E o vento levou*, *O morro dos ventos uivantes* e *Tess d'Ubervilles* (CABOT, 2005, p. 202-203).

PEREIRA, RABELO. O palácio das ilusões da tradução austeniana: “Orgulho e preconceito” no sistema literário *Belas Infieis*, v. 1, n. 2, p. 45-71, 2012.

Para provar a influência das obras contemporâneas na leitura de clássicos, usaremos como exemplo o último fenômeno literário a chegar ao país, a *Saga Crepúsculo*, de Stephenie Meyer. O primeiro livro da série, *Crepúsculo* (2005), chegou ao Brasil em 2008, no mesmo ano do lançamento do filme que consolidaria o sucesso da saga. Nele, a personagem principal, Bella Swan, pega em certa parte do romance uma compilação surrada de obras de Jane Austen para ler, na qual estão *Orgulho e preconceito*, *Razão e sensibilidade* e *Mansfield Park* (2008, p. 122). Dados fornecidos pela Livraria Cultura¹⁷ mostram que as vendas de *Orgulho e preconceito* aumentaram significativamente após o sucesso de *Crepúsculo*, com base em uma edição da Martin Claret.¹⁸ Repare que, em relação a 2007, as vendas de 2008 cresceram 28%, e as de 2009, um ano após o lançamento do livro no Brasil, 69%.

Ano	Qtde.
2006	186
2007	267
2008	342
2009	453
2010	128
2011	10
2012	*

* Livro esgotado na data: 31/05/2010

Ainda mais impressionante foi o impacto da saga em *O morro dos ventos uivantes* (1847), de Emily Brontë. Em 2009, *Eclipse*, o terceiro volume da saga, foi lançado no Brasil, e nele, as personagens leem, discutem e devaneiam sobre o romance inglês e suas personagens, fazendo, inclusive, ligações entre os enredos por conta do triângulo amoroso.

Eu era como Cathy, como *O morro dos ventos uivantes*, só que as minhas opções eram muito melhores do que as dela, nenhum deles era mau, nenhum era fraco. E aqui estava eu, chorando por isso, sem fazer nada produtivo pra endireitar as coisas. Exatamente como Cathy (MEYER, 2008, p. 517, tradução nossa).

A autora dessa obra, Emily Brontë, teve apenas dois livros publicados, que foram coincidentemente traduzidos pelos escritores/tradutores abordados neste projeto: *O vento da noite*, tradução de Lúcio Cardoso, 1944, Editora José Olympio, e *O morro do vento uivante*, tradução de Rachel de Queiroz, 1947, para a mesma editora. A Livraria Cultura disponibilizou o histórico numérico das vendas de três edições desse romance:¹⁹ uma da Record, de 1996, com tradução de Queiroz; uma da Martin Claret, de 2003, com tradução de Oscar Mendes; e uma da Lua de Papel, de 2009, tradução de Ana Maria Chaves (que exibia impresso na capa os dizeres “O livro preferido de Bella e Edward – *Crepúsculo*”, que certamente contribuiu para o sucesso da edição).

PEREIRA, RABELO. O palácio das ilusões da tradução austeniana: “Orgulho e preconceito” no sistema literário *Belas Infieis*, v. 1, n. 2, p. 45-71, 2012.

Edição Record, 1996		Edição Martin Claret, 2003		Edição Lua de Papel, 2009	
Ano	Qtde.	Ano	Qtde.	Ano	Qtde.
2003	16	2003	—	2003	—
2004	22	2004	43	2004	—
2005	15	2005	35	2005	—
2006	29	2006	49	2006	—
2007	25	2007	73	2007	—
2008	34	2008	98	2008	—
2009	416	2009	233	2009	525
2010	120	2010	198	2010	1576
2011	464	2011	120	2011	484
2012	13	2012	57	2012	226
Total	1154	Total	906	Total	2811

Notem que em 2009, ano de lançamento de *Eclipse*, as vendas aumentaram, em relação a 2008, mais de 1200%, no caso da edição de 1996, e 237%, no caso da de 2003. Para a edição da Lua de Papel, os números são ainda mais positivos: provavelmente por causa da menção à saga *Crepúsculo* na capa, esta vendeu mais exemplares do que as editoras que contavam com grandes nomes na tradução e tradição no comércio livreiro; e em 2010, ano de lançamento do filme *Eclipse*, as vendas aumentaram ainda 300% em relação a 2009. É possível, então, afirmar que a saga infanto-juvenil relançou ao público leitor obras que se encontravam um tanto apáticas no mercado brasileiro.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste projeto, foi possível concluir que as décadas de 1930 e 1940 representaram um momento revolucionário para a história da tradução no Brasil, e que a participação de escritores consagrados no processo da tradução dos livros publicados nesse período foi decisiva para legitimar a prática. É por conta disso que, apesar de qualquer problema que as traduções de Rachel de Queiroz e de Lúcio Cardoso apresentem, elas devem ser analisadas dentro do contexto histórico a que pertencem, do qual fontes digitais de pesquisa e técnicas de tradução não faziam parte. O valor das traduções desse momento editorial, portanto, não está nas transferências linguísticas, na fidelidade ao original, ou no que seria “adequado” ou “aceitável”, e sim na riqueza estética e vocabular, e no fato de muitas delas terem sido a apresentação de autores estrangeiros canônicos à língua portuguesa e ao público leitor brasileiro. Foi possível, ainda, perceber que a literatura traduzida tem transitado pelo centro do polissistema literário nacional desde 1941, e que o cânone vem, novamente, ganhando espaço entre os leitores brasileiros, a partir da literatura popular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTEN, Jane. **Orgulho e preconceito**. Tradução de Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.

_____. **Mansfield Park**. Tradução de Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

_____. **Mansfield Park**. London: Penguin Books, 1994.

_____. **Pride and prejudice**. London: Penguin Books, 2003

_____. **Orgulho e preconceito**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martin Claret, 2006.

_____. **Mansfield Park**. Tradução de Mariana Menezes Neumann. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

_____. **Orgulho e preconceito**. Tradução de Alexandre Barbosa de Sousa. São Paulo: Peguin Classics Companhia das Letras, 2011.

_____.; GRAHAME-SMITH, Seth. **Orgulho e preconceito e zumbis**. Tradução de Luiz Antônio Aguiar. Rio de Janeiro: Intrínseca: 2010.

BERMAN, Antoine. **Pour une critique des traductions: John Donne**. Paris: Gallimard, 1995.

_____. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de Marie-Hélène Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

69

BRONTË, Emily. **O morro dos ventos uivantes**. 2. ed. Tradução de Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro: Record, 1996.

_____. **O morro dos ventos uivantes**. Tradução de Oscar Mendes. São Paulo: Martin Claret, 2003.

_____. **O morro dos ventos uivantes**. Tradução de Ana Maria Chaves. [S.l.]: Lua de Papel, 2009.

CABOT, Meg. **A princesa à espera**. 6. ed. Tradução de Maria Cláudia de Oliveira. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CARDOSO, Lúcio. Prefácio. In: AUSTEN, Jane. **Orgulho e preconceito**. Tradução de Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Laws of Literary Interference. **Poetics Today: Polyssystem Studies**, Carolina do Norte, v. 11, n. 1, p. 46-52, 1990.

GUERELLUS, Natália de Santana. **Rachel de Queiroz: regra e exceção (1910-1945)**. Niterói: Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2011.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1985.

IVINS, Holly. **The Jane Austen pocket Bible**. Michigan: Sheridan Books, 2011.

LAMBERT, José; VAN BRAGT, Katrin. **“The Vicar of Wakefield” en langue française. Tradition et ruptures dans la littérature traduite**. Leuven: KUL, 1980.

MEYER, Stephenie. **Crepúsculo**. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

MEYER, Stephenie. **Eclipse**. New York: Little/Brown and Company, 2008.

MILTON, John. **O clube do livro e a tradução**. Bauru, SP: Edusc, 2002.

_____. **Tradução: teoria e prática**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

NABUCO, Carolina. **Oito décadas: memórias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000

QUEIROZ, Maria Luíza de; QUEIROZ, Rachel. **Tantos anos**. 3. ed. São Paulo: Siciliano, 1998.

TODD, Janet (Ed.). Critical responses, 1830-1970. **Jane Austen in context: The Cambridge edition of the works of Jane Austen**. 5th. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. **Traduzir o Brasil literário: paratexto e discurso de acompanhamento**. Santa Catarina: Copiart, 2011. v. 1.

TOURY, Gideon. **In search of a theory of translation**. Tel Aviv: Porter Institute, 1980.

_____. **Descriptive translation studies and Beyond**. Amsterdam: Benjamin, 1995.

VILLAÇA, Antônio Carlos. **José Olympio: o descobridor de escritores**. Rio de Janeiro: Thex, 2001.

70

¹ Este trabalho está inscrito no Programa de Iniciação Científica do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) da Universidade de Brasília (UnB), edital 2011/2012, orientado pela Prof. Dra. Germana Henriques Pereira de Sousa, juntamente com os trabalhos *As traduções de Charles Dickens por Machado de Assis e Cecília Meirelles*, de Alyne do Nascimento Silva, e *As faces de Dorian Gray: o estudo das traduções brasileiras de Oscar Wilde*, de Eliane Pereira de Sousa Leal.

² Currículo Lattes em: <<http://lattes.cnpq.br/5479032498605468>>.

³ Currículo Lattes em: <<http://lattes.cnpq.br/6195379212886665>>.

⁴ Até 1996, o principal tradutor de *Sense and Sensibility* no Brasil foi Ivo Barroso, que traduziu o título por *Razão e sentimento* e teve o maior número de (re)edições da obra, que era, até então, limitada à poucas editoras. Em 1996, porém, chegou ao Brasil com o título de *Razão e sensibilidade* a adaptação cinematográfica da obra, que contava com Kate Winslet e Emma Thompson em seu elenco, o que aumentou a popularidade de *Sense and Sensibility* e rendeu muitas novas traduções, inclusive de editoras consideradas populares, em razão dos preços mais acessíveis, como a Martin Claret. Tais traduções levavam o mesmo do filme, *Razão e sensibilidade*.

⁵ “A posição da literatura traduzida dentro do sistema literário”, em tradução livre, foi um artigo publicado no periódico internacional de literatura e comunicação, *Poetics Today*, da Editora da Universidade Duke, da Carolina do Norte, EUA.

⁶ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/livros_mais_vendidos/>. Acesso em: ago. 2012.

⁷ Em uma entrevista concedida à Editora Rocco e publicada no site da editora, Lia Wyler conta que entrou em contato com J. K. Rowling, autora de *Harry Potter*, para perguntar sobre as origens e construções dos nomes próprios, para os quais a própria Rowling deu sugestões. Lia Wyler estaria, então, ciente da referência à obra austeniana presente no nome Mrs. Norris quando optou por traduzir para Madame Nora e perder tal referência.

⁸ My Mother – “not liked it so well as P. & P. – Thought Fanny insipid. – Enjoyed Mrs. Norris” (*Opinions of Mansfield Park*, [1813?]).

⁹ *Opinions of Mansfield Park* foi lançado em 1870, no livro de memórias da autora, *Memoir of Jane Austen*, editado pelo seu sobrinho James Edward Austen-Leigh. Em 1925, vários manuscritos de Austen que ainda estavam na família foram vendidos e divididos entre a *Pierpont Morgan Library* e o *British Museum* (agora *British Library*). Atualmente, é possível encontrar reedições das memórias de Jane Austen contendo esses

documentos, bem como acessá-los em arquivos digitais no site <<http://www.janeausten.ac.uk/index.html>>. Ainda não há tradução para o português dos manuscritos.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/LucioCardoso.htm>>. Acesso em: ago. 2012.

¹¹ Disponível em: <<http://www.blogdacompanhia.com.br/2011/06/muito-orgulho-nenhum-preconceito/>>. Acesso em: ago. 2012.

¹² “[...] fora descoberta outra jovem e promissora ficcionista do Nordeste, politicamente radical, Rachel de Queiroz (nascida em 1910)” (HALLEWELL, 1985, p. 341).

¹³ “Adestrei-me então no inglês, no qual até então era fraca, desde que Vera Pereira, mulher de José Olympio, assumiu a escolha de autores a traduzir – e ela gostava de literatura inglesa” (QUEIROZ, 1998, p. 187).

¹⁴ NABUCO, 2000.

¹⁵ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2010/03/20/jane-austen-reencarnada-orgulho-preconceito-zumbis-276083.asp>>. Acesso em: ago. 2012.

¹⁶ Disponível em: <<http://www.galerarecord.com.br/megcabot/autora.php>>. Acesso em: ago. 2012.

¹⁷ Dados fornecidos pela Livraria Cultura do Shopping Iguatemi, de Brasília, DF. Os números se referem às vendas em toda a rede de lojas livraria.

¹⁸ AUSTEN, 2006.

¹⁹ BRONTË, 1996; BRONTË, 2003; BRONTË, 2009.